



Bosque Rodrigues Alves Jardim Zoobotânico da Amazônia: uma análise da percepção do turismo, pós isolamento da COVID-19, a partir de seus visitantes
Bosque Rodrigues Alves Zoobotanical Garden: the perception of tourism by visitors following the COVID-19 lockdown

Gizeline Vieira da Silva
Universidade Federal do Pará
gizelinesilva@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-1135-2584>

Quésia Furtado dos Reis
Universidade Federal do Pará
bronicareis@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0003-3754-3634>

Fabício Lemos de Siqueira Mendes
Universidade Federal do Pará
fabriciolsm@ufpa.br
<https://orcid.org/0000-0003-4387-8043>

Paulo Moreira Pinto
Universidade Federal do Pará
pmpinto@ufpa.br
<https://orcid.org/0000-0002-2155-8172>

Raul Ivan Raiol de Campos
Universidade Federal do Pará
raulcampos@ufpa.br

Recibido/Received: 09/08/2022

Acceptado/Accepted: 27/11/2022

RESUMO:

A pandemia trouxe impactos negativos em diversos setores da sociedade, dentre eles, o turismo, que foi bastante afetado. Em relação à quarentena, acredita-se que as mudanças causaram o aumento do estresse da população. Com a diminuição de casos de Covid-19, muitas atividades têm sido retomadas gradativamente pós-isolamento, a exemplo do turismo em Parques Urbanos (PU). É inegável que a utilização e o contato com espaços verdes urbanos e outros espaços naturais, como os parques, podem contribuir para a manutenção da saúde e do bem-estar dos frequentadores. O Bosque Rodrigues Alves (BRA) é considerado um patrimônio da cidade de Belém, sendo importante na preservação da flora e fauna do ecossistema amazônico. Neste sentido, este artigo teve como objetivo analisar a percepção do turismo pós-isolamento da pandemia a partir de seus visitantes. A metodologia utilizada foi a quali-quantitativa realizada por meio da aplicação de 500 questionários aos visitantes durante o mês de outubro de 2021.

Os dados foram tabulados e, posteriormente, realizou-se a análise estatística. Como resultado, observou-se que os visitantes do Bosque são jovens adultos, com idade de 31 a 40 anos, cujos principais pontos de insatisfação relatados foram a sinalização, a acessibilidade e a infraestrutura local. Deste modo, concluiu-se que para essas problemáticas é necessário um direcionamento das políticas públicas voltadas para a revitalização e manutenção do BRA para que as visitas sejam mais agradáveis.

Palavras chave: pandemia; pós-isolamento; parques urbanos; Bosque Rodrigues Alves; turismo

ABSTRACT:

The pandemic has had negative impacts on numerous sectors of the economy, including tourism, and the experience of quarantine is believed to have increased stress among the population. With the decrease in cases of COVID-19, many activities are gradually resuming after lockdown, including tourism in urban parks (UP). Contact with urban green spaces has been shown to benefit the health and well-being of visitors. Bosque Rodrigues Alves (BRA) is an important natural heritage site in the city of Belém, where it contributes to the preservation of the flora and fauna of the Amazonian ecosystem. The aim of this article is to analyse the perception of post-lockdown tourism by visitors. The study used a qualitative-quantitative methodology based on 500 questionnaires completed by visitors during the month of October 2021. The data obtained were tabulated and statistical analysis carried out. The results found that visitors to the forest are young adults aged 31-40 years and that the main points of dissatisfaction are signage, accessibility and the local infrastructure. The study concludes that public policies should be aimed at revitalising and maintaining BRA in order to improve visitors' experience.

Keywords: pandemic; post lockdown; urban parks; Bosque Rodrigues Alves; tourism.

COMO CITAR ESTE ARTIGO/ HOW TO CITE THIS ARTICLE

Vieira da Silva, Gizeline; Furtado dos Reis, Quésia; Lemos de Siqueira Mendes, Fabrício; Raiol de Campos, Raul Ivan (2023). Bosque Rodrigues Alves Jardim Zoobotânico da Amazônia: uma análise da percepção do turismo pós isolamento da COVID-19 a partir de seus visitantes. *Rotur, Revista de Ocio y Turismo*, 17(1), 57-75 .<https://doi.org/10.17979/rotur.2023.17.1.9246>

I. INTRODUÇÃO

A origem dos Parques Urbanos (PU) está intimamente ligada ao início da urbanização e da industrialização dos países desenvolvidos, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, onde o processo de urbanização se deu primeiramente (Martins Júnior, 2007). Segundo o autor, essa manifestação aconteceu com o surgimento das grandes cidades e das metrópoles, baseado na industrialização e no êxodo rural. A urbanização nada mais é do que o fenômeno do crescimento em maior proporção da população das cidades em relação à população das áreas rurais (Martins Júnior, 2007).

No Brasil, os PU começaram a surgir por volta do século XVIII, com a chegada da família real portuguesa em 1808, quando surgiu a necessidade de proteção de áreas para contemplação e lazer, bem como a organização de jardins e passeios públicos (Segawa, 1996). Com a intensificação do processo de urbanização no país a partir dos anos de 1950 e de 1960, cidades como São Paulo e Rio de Janeiro passaram por uma reorganização e reestruturação para assumir novas funções administrativas. Com isso, os centros urbanos ficaram carentes de espaços ao ar livre destinados ao grande público (Macedo, 2003).

Oliveira (2010) afirma que é nesse período de crescimento urbano que os parques e sistemas de PU se tornam elementos essenciais no planejamento das cidades e recebem novas funções para seu uso, como a prática de esportes e atividades recreativas. Macedo (2003) complementa que os parques se tornam um elemento comum entre as cidades grandes, médias e de pequeno porte, posto que passam a ter belos parques como locais de lazer para sua população. Friedrich (2007) acrescenta que nos anos de 1970, os parques tornaram-se mais exuberantes e mais bem cuidados, recebendo um trabalho paisagístico, com espelho d'água e locais para alimentação, transformando-se, também, em um espaço para a prática de esporte.

Para Dias (2005), apesar das transformações na reestruturação dos PU nos países desenvolvidos, estas mudanças ainda são pequenas em países sul-americanos, como o Brasil, onde os espaços públicos são reduzidos e pouco frequentados. Segundo o autor, as políticas públicas destinadas à criação e à construção desses espaços não recebem o devido investimento e valorização, visto que os investimentos, em sua maioria, são destinados a atividades com potencial rentabilidade econômica, como o setor de entretenimento. Para Scocuglia (2009) os parques do século XXI são espaços que recriam as condições naturais do ambiente natural dentro da paisagem urbana, por isso, têm uma importância para a população que os percebe enquanto locais de interação social e contato com a natureza.

Segundo a Lei nº. 9.985/00 do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, parque é uma Unidade de Conservação de proteção integral, estando em perímetro urbano ou rural, sendo de gestão federal, estadual ou municipal, cuja função é a de preservar o ambiente e a qualidade de vida das populações que habitam seu entorno (Brasil, 2000). Nas cidades, os espaços de convivência ao ar livre são cada dia mais requisitados em decorrência do aumento da habitação multifamiliar em massa e da verticalização. Deste modo, os espaços de convivência diminuem nesses locais, onde os cidadãos acabam necessitando de lugares ao ar livre para usufruir o seu tempo livre (Martins e Araújo, 2014).

Desde o final de 2019 e o início de 2020, com a chegada da pandemia do Coronavírus (*SARS-Cov 2*), o causador da Covid-19, houve o receio da doença se espalhar rapidamente em todo o planeta. No Brasil, os registros indicam mais de 20 milhões de infectados, com um total aproximado de 580 mil mortes (Who, 2020). A pandemia trouxe impactos negativos em diversos setores da sociedade, dentre eles, o de turismo, que foi bastante afetado.

No âmbito brasileiro, conforme dados da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC, 2021), entre março de 2020 a junho de 2021, as atividades turísticas já somavam prejuízo de R\$ 395,6 bilhões. Contudo, observa-se que houve o fechamento de quase 500 mil postos de trabalho e, conseqüentemente, um alto índice de desemprego. O setor do turismo apresentou em 2019 uma participação direta no PIB mundial de aproximadamente 2,8 trilhões de dólares (WTTC, 2019).

Com a vida cada vez mais corrida, o aumento do estresse da população afeta diretamente as relações sociais e intrafamiliares. Assim, os PU apresentam características físicas e sociais que contribuem para a melhora na qualidade de vida, pois a prática de atividade física ao ar livre e a recreação trazem múltiplos benefícios sociais, físicos e psicológicos (Szeremeta e Zannin, 2013). Segundo os autores, os parques ajudam na manutenção da saúde e do bem-estar dos frequentadores, reduzindo o sedentarismo e a tensão do dia a dia.

Em Belém, os PU mais visitados são o Bosque Rodrigues Alves (BRA), o Museu Paraense Emílio Goeldi, a Unidade de Conservação Estadual de Proteção Integral Parque do Utinga e o Mangal das Garças, todos com grande importância para a cidade e seus moradores (Carasek, Melo, & Melo, 2017). A existência desses parques nas grandes cidades é fundamental na formação cultural e ambiental das pessoas, restabelecendo, desta forma, a relação entre homem e natureza aliada ao turismo.

O BRA é considerado um patrimônio da cidade de Belém, sendo importante na preservação da flora e da fauna do ecossistema amazônico (Figura 1). Dessa forma, a partir de pesquisas, projetos e ações de interação, o Bosque desenvolve atividades de educação ambiental, lazer, turismo e cultura para os turistas e para os visitantes locais (Cardoso, 2017 a). Além disso, é um arranjo ecossistêmico de elementos constitutivos das paisagens regionais, desempenhando um papel fundamental na melhoria de vida dos moradores e visitantes.

Figura 1. Entrada principal do BRA



Fonte: Reis e Vieira (2021)

Para ordenamento de uso, o BRA possui um regimento interno que estabelece as normas de uso e de adequação das atividades desenvolvidas, tendo como base o Plano de Ação, definido em Assembleia da Rede Brasileira de Jardins Botânicos. Algumas atribuições são estabelecidas para o setor de Educação Ambiental e Extensão Cultural do Bosque, responsável pelos projetos e ações diretamente ligadas ao uso desta área pelo público (SEMMA, 2011).

Desta forma, este artigo apresenta três objetivos, a saber: 1) analisar a percepção do turismo no BRA a partir de seus visitantes no pós-isolamento da pandemia do Covid-19; 2) destacar os principais problemas que esse espaço possa está enfrentando em relação à infraestrutura, acessibilidade e atividades oferecidas; 3) apontar possíveis soluções para essas problemáticas para ampliar o potencial turístico do local.

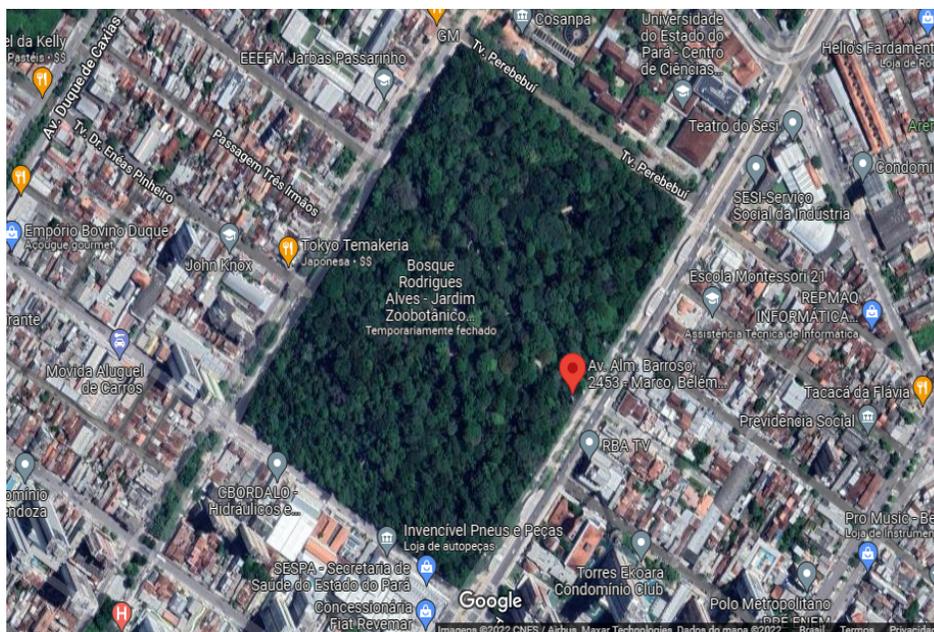
II. METODOLOGIA

a) Área de estudo

No final do século XVII, teve início o processo de expansão urbana na cidade de Belém, principalmente em virtude da concentração das atividades político-administrativas por conta da posição geográfica da cidade. Considerada como a porta de entrada para a Amazônia, foi necessário um processo de melhoria na infraestrutura urbana dos espaços (Sanjad, 2001). O paisagismo em seus espaços públicos sempre estiveram associados, sobretudo, aos interesses políticos, viabilizados por meio de decretos imperiais para originá-los e planejá-los.

O BRA é um fragmento de floresta nativa de terra firme amazônica, localizado no centro da cidade de Belém (PA) (Figura 2). Localizado na Avenida Almirante Barroso, n.º. 2453, no bairro Marco, ocupa uma área de 15 hectares, distribuído em quatro quadrantes com 112 canteiros. Foi a Lei n.º. 624, de 22 de setembro de 1870, que originou sua criação legal, sendo inaugurado como Parque Municipal em 25 de agosto de 1883 (Miranda, 2009). Hoje, recebe aproximadamente 200.000 visitantes por ano, que têm a possibilidade de conhecer espécies representativas da Amazônia, bem como as edificações históricas datadas do início do século XX. Atualmente o BRA é administrado pela Prefeitura Municipal de Belém, especificamente pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA) (SEMMA, 2011).

Figura 2. Vista de localização aérea do BRA na cidade de Belém (PA)



Fonte: Google Maps (2022)

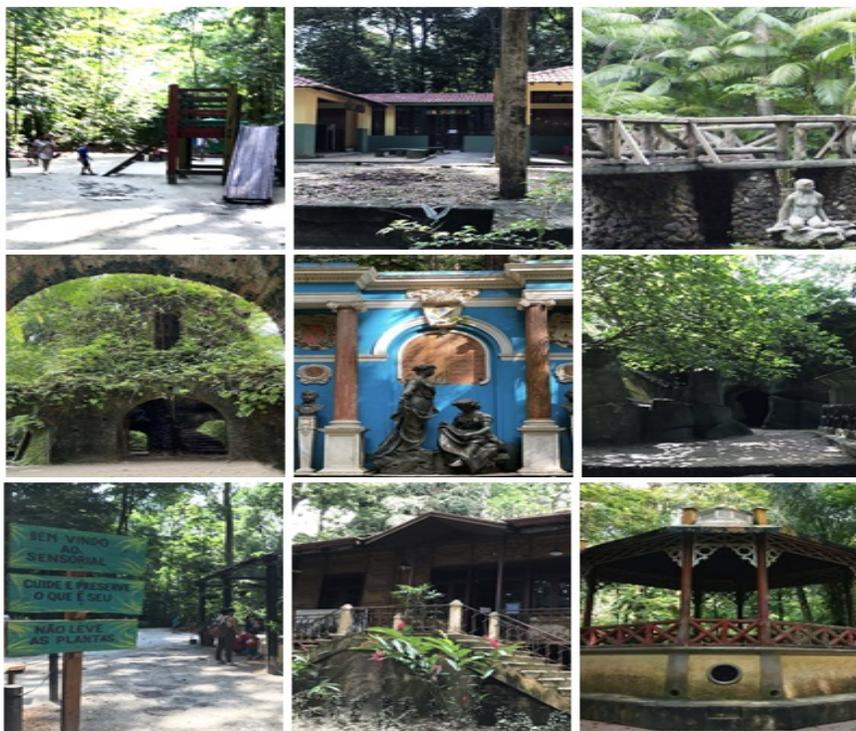
No ano de 1903, o ambiente foi revitalizado para oferecer aos visitantes um local de lazer com diversas alternativas de distração, tais como: cascatas, lagos, ilhas, grutas, viveiros de aves e pontes sobre lagos. Nesse período, o Bosque ainda não era chamado de Rodrigues Alves, posto que essa denominação foi adotada somente em 1906, no período republicano, como homenagem ao então presidente da República (Bahia, 2012). O Bosque oferece, ainda, um lugar de representação do imaginário, onde podem ser interpretadas as lendas, os símbolos, os mitos ou os rituais e apreciar a natureza.

Em janeiro de 2008, o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) autorizou a mudança do nome, antes conhecido somente como “jardim botânico”. Em conformidade com a Lei da Fauna n.º 5.197/1967, passa, então, a denominar-se Bosque Rodrigues Alves Jardim Zoobotânico da Amazônia (SEMMA, 2011). Para os moradores da cidade de Belém, o BRA é um espaço de área verde de fácil acesso e com um bom preço, sendo uma ótima opção de lazer para as famílias e de entretenimento para o público infantil, principalmente aos fins de semana (Figueiredo et al., 2013).

O BRA recebe, também, visitantes de vários lugares do estado, do país e do mundo, bem como alunos e professores de outros municípios do Pará e das ilhas do entorno da cidade, em um segmento denominado “turismo educacional ou pedagógico” (Bahia, 2012). Em relação ao turismo, está incluído na lista de atrativos de Belém, onde há a divulgação das atividades no *site* oficial de turismo do Estado (Cardoso, 2017 b).

O BRA abriga mais de 10 mil árvores, distribuídas em mais de 300 espécies. Dos seus 15 hectares, mais de 80% são compostos por áreas verdes e apenas 20% são caminhos para circulação de visitantes. Abriga, também, cerca de 435 animais de 29 espécies que vivem em cativeiro e outras 29 em liberdade ou semiliberdade. Entre os animais estão tartarugas, jabutis, araras, cutias, entre outros. Os principais espaços visitados são: o parque infantil, a brinquedoteca, o lago da Iara, as ruínas do Castelo, o monumento Fonte dos Intendentes, a gruta encantada, o jardim sensorial, o chalé de ferro e o coreto chinês (Figura 3) (SEMMA, 2018).

Figura 3. Principais espaços visitados dentro do BRA



Fonte: Reis e Vieira (2021)

Segundo Bahia (2012), o BRA é considerado um importante espaço público para uso dos moradores da cidade e um atrativo turístico, visto que é um espaço aberto para o lazer e uma fuga da vida corrida e da rotina de trabalho. Os jardins zoobotânicos urbanos, enquanto espaços

públicos verdes, oferecem aos cidadãos um retorno à natureza, fato cada vez mais raro e distante dos moradores das grandes metrópoles, além de proporcionar cultura, lazer e turismo às pessoas.

b) Levantamento de dados

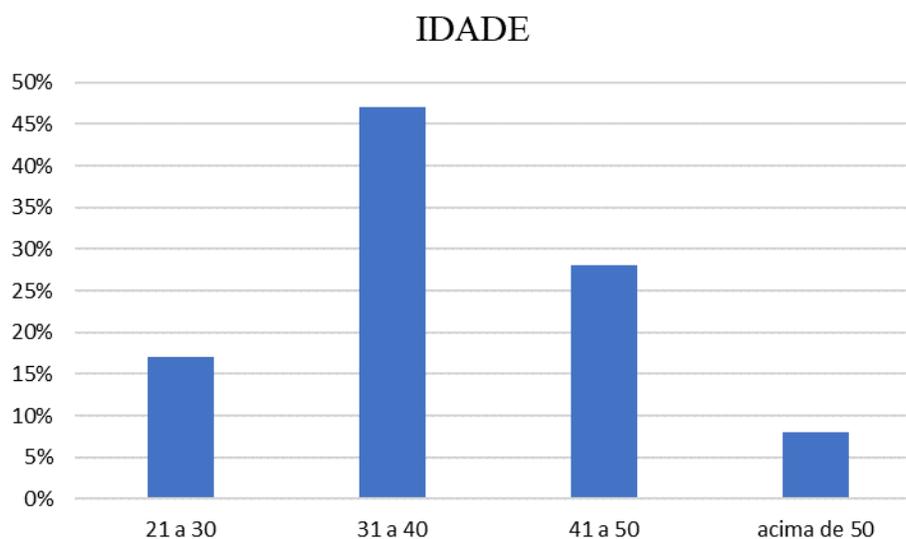
A pesquisa foi do tipo exploratória, de abordagem quali-quantitativa, auxiliada por estudo bibliográfico, documental e fotográfico. Como instrumento para o levantamento dos dados, aplicou-se 500 questionários aos visitantes do BRA, no período pós-confinamento de Covid-19, ou seja, no mês de outubro de 2021, de quarta a domingo, no horário de 09h às 13h.

Cabe destacar que os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente dentre os visitantes que estavam no BRA durante o período de coleta dos dados, sendo avaliados a percepção e o uso do Bosque pelos visitantes. Para a coleta dos dados, utilizou-se um questionário (Apêndice 1) contendo 13 (treze) perguntas fechadas. Após a aplicação, os resultados foram tabulados em planilha *Excel* (*Microsoft Office* 2013) com os dados absolutos e posteriormente transformados em dados relativos para uma melhor interpretação.

III. ANÁLISE DE RESULTADOS

Dentre os visitantes do BRA que contribuíram com a pesquisa e responderam ao questionário, constatou-se que a maioria é do gênero masculino (60%) e a minoria do gênero feminino (40%). No que se diz respeito à faixa etária, o Gráfico 1 mostra que a maior porcentagem está entre 31 a 40 anos (47%), seguido de 41 a 50 (28%) e de 21 a 30 (17%). A menor porcentagem compreendeu à faixa etária acima de 50 anos (8%), o que aponta que, majoritariamente, os visitantes são do gênero masculino, com idade entre 31 a 40 anos.

Gráfico 1: Frequência Relativa da idade dos visitantes do BRA



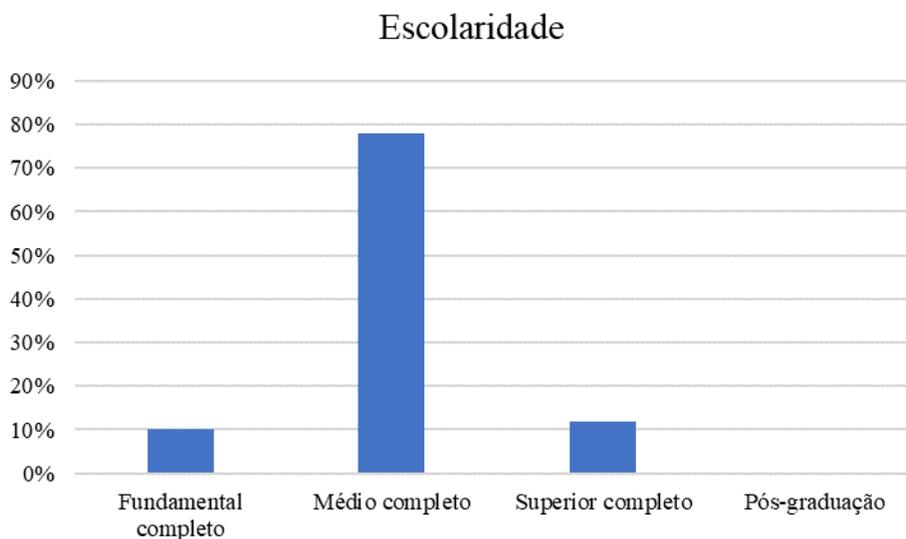
Fonte: Elaboração própria (2021).

No questionário foi perguntado o local de origem dos visitantes. A maior porcentagem foi do estado do Pará (90%), seguido de Ceará e de Santa Catarina, (2%), Roraima, Amapá, Amazonas, Distrito Federal, Maranhão, Alagoas, São Paulo e Paraná (1%). Apesar da maioria dos

frequentadores ser formada por paraenses é possível observar que 10% dos visitantes estão distribuídos entre outros estados brasileiros e o Distrito Federal, o que demonstra que o BRA é uma opção de lazer procurado por turistas que visitam a cidade.

No que diz respeito ao grau de escolaridade, o Gráfico 2 mostra que o maior percentual foi do Ensino Médio Completo (78%), seguido pelo Superior Completo (12%) e Fundamental Completo (10%). Nenhum dos entrevistados possui Pós-Graduação. Apesar da maioria ter apenas o Ensino Médio Completo, quando perguntados se possuem interesse pelas questões ambientais, 100% dos entrevistados responderam que sim.

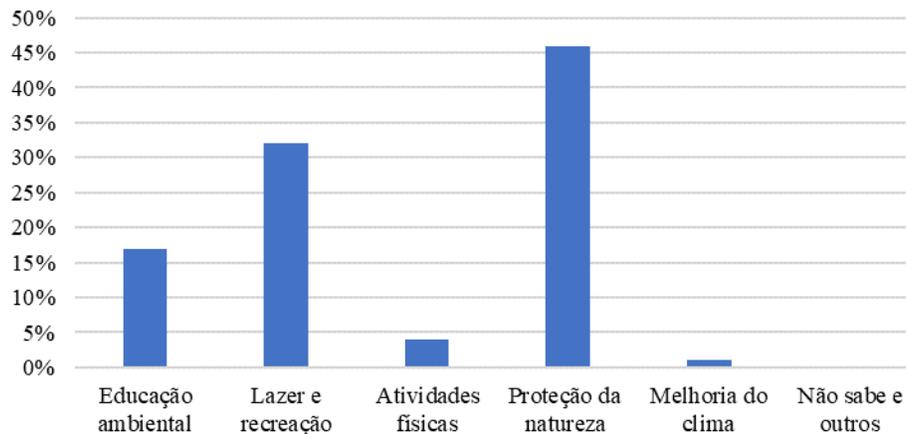
Gráfico 2: Frequência Relativa sobre o grau de escolaridade dos visitantes do BRA.



Fonte: Elaboração própria (2021).

No Gráfico 3, que apresenta a opinião dos visitantes sobre o grau de importância do BRA para a cidade, obteve-se as seguintes respostas: 'Proteção da Natureza' (46%), 'Lazer e Recreação' (32%) e 'Melhoria do Clima' (1%). Isso demonstra que os entrevistados acreditam que é importante Tê-lo em Belém, como forma de proteção da natureza, uma vez que a localização do Bosque é região amazônica, que abrange a maior biodiversidade do mundo.

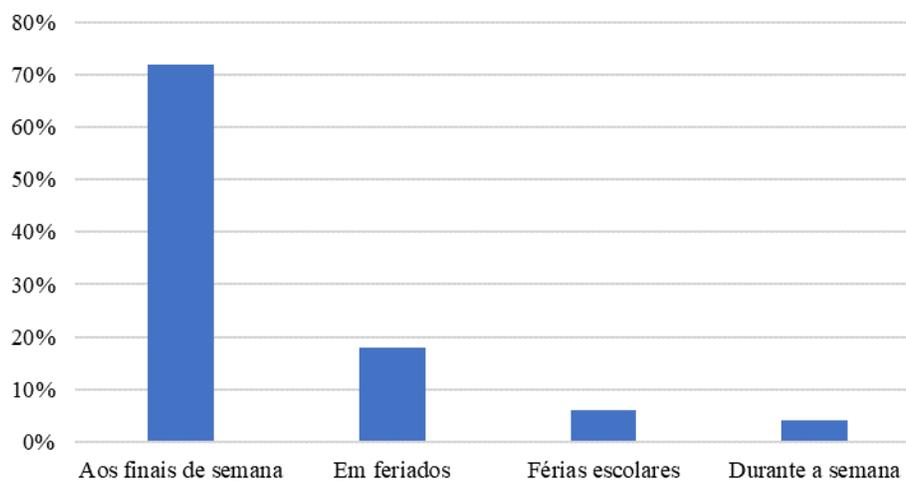
Gráfico 3: Frequência Relativa sobre o grau de importância do BRA para a cidade de Belém



Fonte: Elaboração própria (2021).

No questionário foi perguntado sobre a época de visitação ao BRA. O Gráfico 4 mostra que os finais de semana são mais procurados (72%) que os dias de semana (4%). Percebe-se, igualmente, que a maioria dos visitantes v o em busca de uma alternativa de lazer e de contato com a natureza aos fins de semana e feriados.

Gráfico 4: Frequência Relativa sobre a época de visitação ao BRA



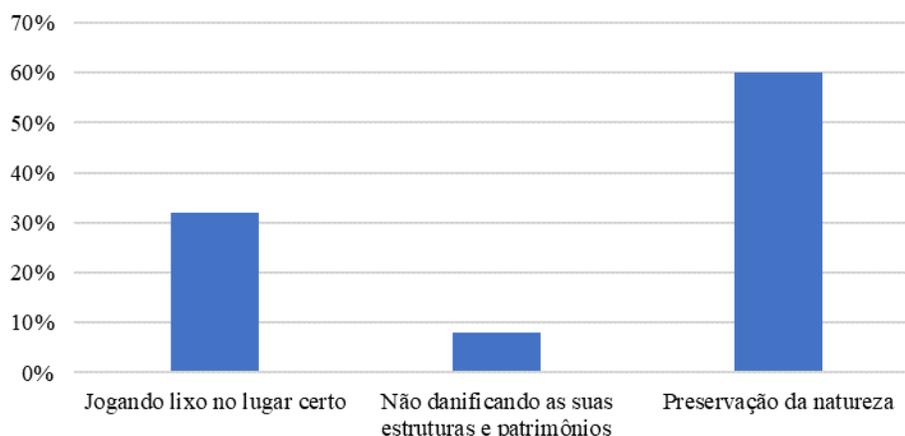
Fonte: Elabora o própria (2021).

Com rela o   preferência de turno, o da manhã recebeu um  ndice superior (97%) ao da tarde (3%). Essa maioria, provavelmente,   em virtude do clima mais ameno e agradável, além do menor risco de chuvas.

Ao serem questionados se consideram ir ao BRA como uma prática de turismo, a resposta 'sim' predominou (92%) e apenas uma pequena parcela respondeu 'não' (8%). Ao se perguntar se os mesmos retornariam e recomendariam o BRA para outras pessoas, todos responderam que sim (100%). Deste modo, percebe-se que os visitantes, em sua maioria, têm o Bosque como ponto turístico de Belém e recomendariam a outros visitantes.

Os entrevistados foram questionados, também, sobre a contribuição do visitante para a preservação do BRA. No Gráfico 5 é mostrado que a maior porcentagem respondeu que a contribuição é com relação à 'preservação da natureza' (60%), seguidos por 'jogar lixo no lugar certo' (32%); com menor porcentagem, a 'não danificação de suas estruturas e patrimônios' (8%). Portanto, os visitantes possuem a percepção da preservação do BRA como espaço harmônico para visitação.

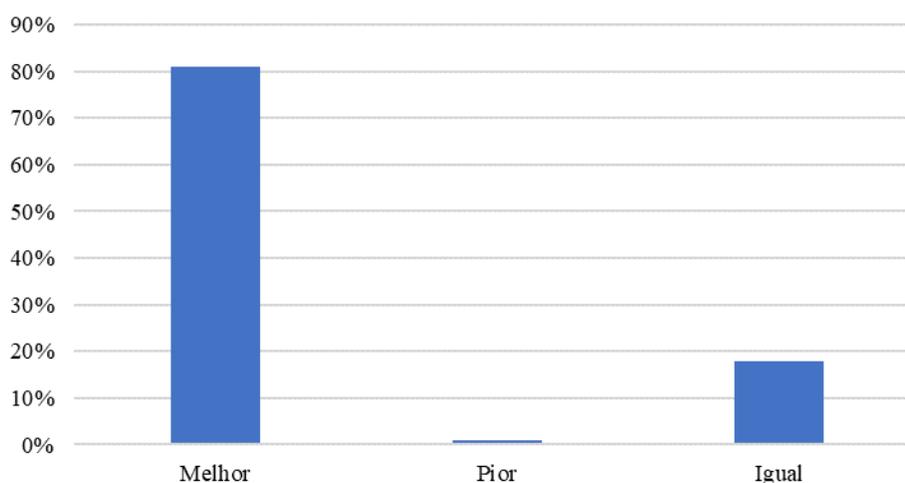
Gráfico 5: Frequência Relativa sobre a contribuição do visitante para preservação do BRA



Fonte: Elaboração própria (2021).

O Gráfico 6 mostra como o visitante imagina o BRA no futuro. A maioria (81%) respondeu que o imaginam 'melhor', seguido de 'igual ao que se encontra' (18%) e 'em pior estado' (1%), o que revela que a maioria tem uma visão muito otimista acerca do futuro do BRA, uma vez que não somente a geração atual está usufruindo do espaço, mas, também, as gerações futuras terão essa possibilidade de visitação.

Gráfico 6: Frequência Relativa sobre como o visitante imagina o BRA no futuro

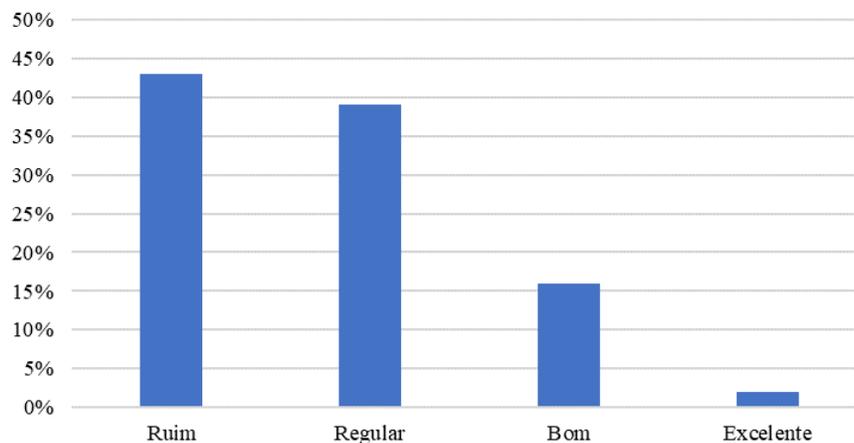


Fonte: Elaboração própria (2021).

Por fim, foi perguntado aos visitantes sobre as instalações de infraestrutura do BRA. Nesse quesito, foram avaliados a sinalização, segurança, acesso, acessibilidade, acolhimento, infraestrutura e os condutores.

Sobre a sinalização do BRA, o Gráfico 7 demonstra que a maior porcentagem relata que é ruim (44%), seguido de regular (40%), bom (15%) e excelente (2%). Muitos dos entrevistados reclamaram sobre a falta de sinalização em alguns lugares, assim como placas deterioradas por ação do tempo ou por falta de manutenção (Figura 4). Essa situação dificulta a locomoção em alguns espaços internos, principalmente para pessoas que estão indo pela primeira vez, visto que é um local extenso, fazendo com que os visitantes fiquem desorientados e muitas vezes perdidos em suas dependências.

Gráfico 7: Frequência Relativa sobre a Sinalização do BRA



Fonte: Elaboração própria (2021).

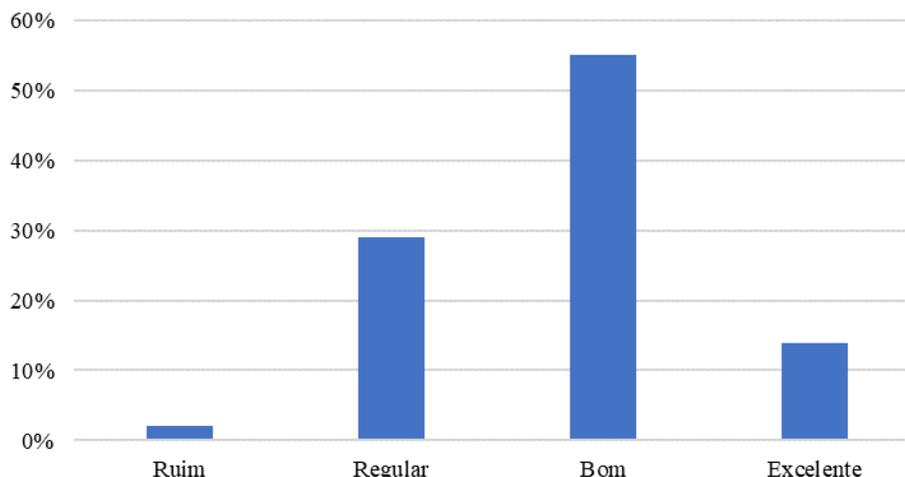
Figura 4: Placas de sinalização do BRA deterioradas por ação do tempo ou por falta de manutenção



Fonte: Reis e Vieira (2021)

Ao serem perguntados sobre a segurança nas dependências internas do BRA, o Gráfico 8 identifica que a maior porcentagem é considerada boa (55%) e a menor é ruim (2%). Em observação *in locu*, dentro do- BRA, pode-se encontrar durante a visita, a presença de agentes de segurança pública (guardas municipais), dando a percepção que o BRA é seguro.

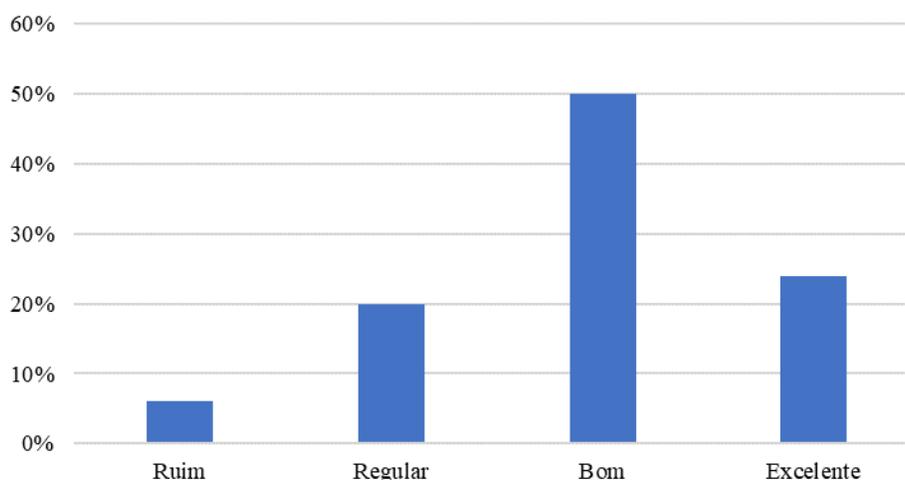
Gráfico 8: Frequência Relativa sobre a Segurança do BRA



Fonte: Elaboração própria (2021).

Os visitantes responderam sobre o acesso para o BRA. No Gráfico 9 a maior porcentagem foi bom (50%) e a menor foi ruim (6%). Isso ocorre, possivelmente, pelo fato do Bosque localizar-se em uma das principais avenidas da cidade de Belém (Av. Almirante Barroso), ter duas entradas de acesso, faixa de pedestres e sinais de trânsito, além das várias linhas de ônibus que trafegam nas proximidades.

Gráfico 9: Frequência Relativa sobre ao Acesso do BRA

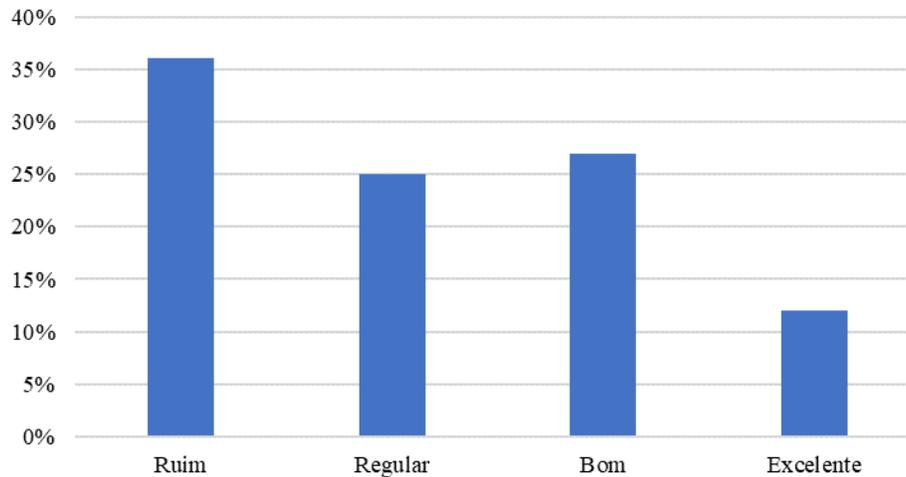


Fonte: Elaboração própria (2021).

Sobre a acessibilidade, o Gráfico 10 aponta que a maioria das pessoas acha que é ruim (36%), seguido de boa (27%), regular (25%) e excelente (12%). A acessibilidade foi considerada ruim

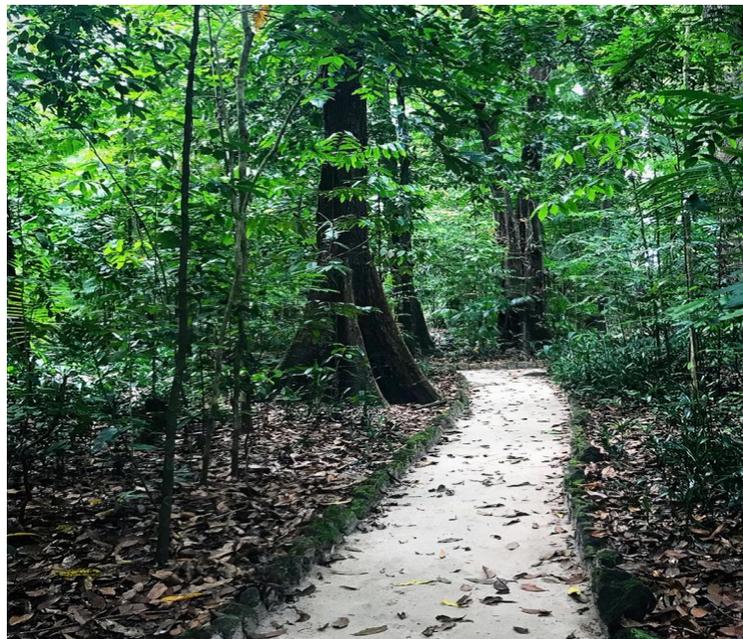
principalmente porque o chão de areia é desnivelado em grande parte das trilhas, o que dificulta o acesso de pessoas com deficiência visual ou cadeirantes (Figura 5).

Gráfico 10: Frequência Relativa sobre a Acessibilidade do BRA



Fonte: Elaboração própria (2021).

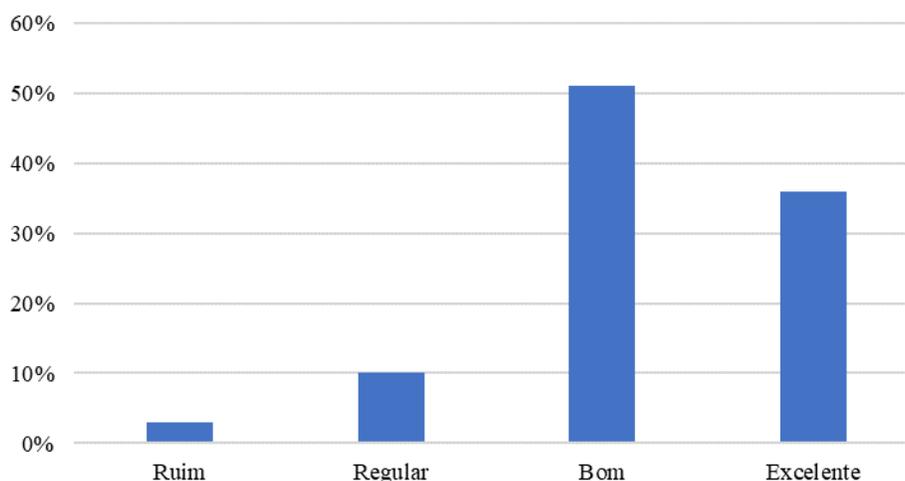
Figura 5: Uma das diversas trilhas de dentro do BRA.



Fonte: Reis e Vieira (2021)

Em relação ao acolhimento no BRA, o Gráfico 11 mostra maior porcentagem de pessoas que tiveram um bom acolhimento (51%), seguido de excelente (36%) e de ruim (2%). Isso demonstra que o Bosque, em geral, acolhe bem seus visitantes em suas dependências fazendo com que voltem mais vezes e indiquem o espaço para outras pessoas.

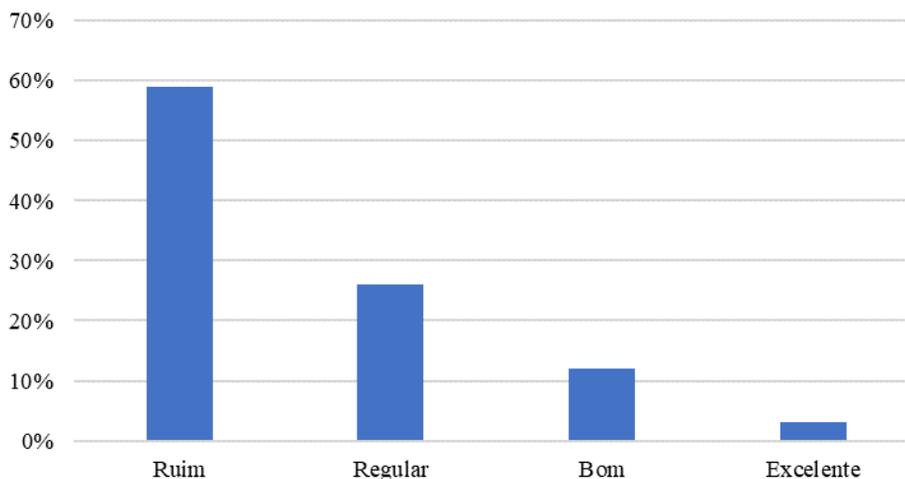
Gráfico 11: Frequência Relativa sobre o Acolhimento no BRA



Fonte: Elaboração própria (2021).

Na questão sobre a infraestrutura (banheiros e estacionamentos) do BRA, observa-se no Gráfico 12 que o maior percentual classifica-se como ruim (59%) e o menor foi excelente (3%). A maioria dos entrevistados apontou que os banheiros não estão em bom estado para atender suas necessidades (Figura 6). Ressalta-se, igualmente, que o estacionamento ao redor do parque durante a semana e aos sábados é utilizado por uma Instituição de Ensino Superior.

Gráfico 12: Frequência Relativa sobre a infraestrutura (banheiros e estacionamentos)



Fonte: Elaboração própria (2021).

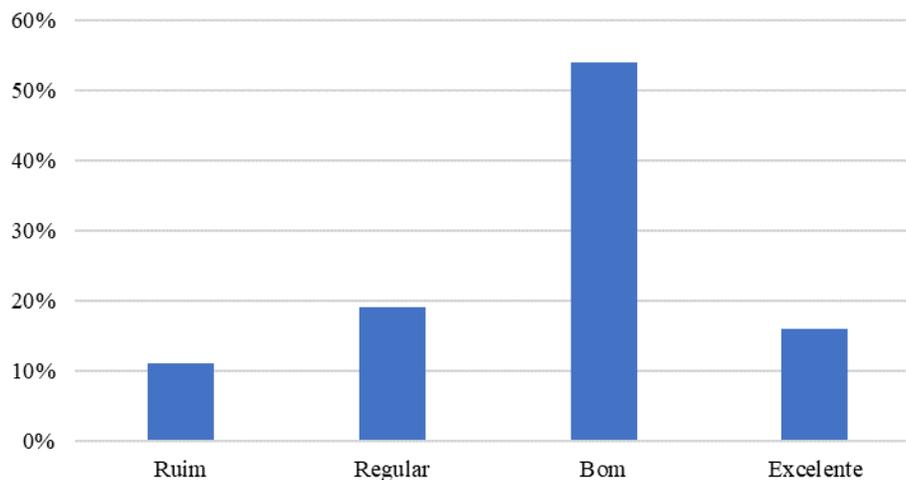
Figura 6: Parte interna do banheiro para visitantes no BRA.



Fonte: Reis e Vieira (2021)

Por fim, foi questionado aos visitantes sobre os condutores do BRA. No Gráfico 13, a maior porcentagem foi boa (54%) e a menor foi ruim (11%), com relatos positivos sobre a gentileza e a educação dos profissionais, o que demonstra que o Bosque investiu em treinamento e qualificação.

Gráfico 13: Frequência Relativa sobre os condutores do BRA



Fonte: Elaboração própria (2021)

IV. CONCLUSÃO

Atualmente, percebe-se que PU públicos brasileiros precisam de mais atenção quanto a sua gestão e seu planejamento. O BRA tem uma grande importância para o desenvolvimento cultural, social, físico, turístico e mental da população da cidade de Belém (PA). O número crescente de pessoas que buscam por este tipo de lazer cresce ano a ano, por isso esses espaços requerem uma qualidade maior em todos os quesitos.

Os PU são locais adequados para o descanso, o contato com a natureza e o ócio. São espaços de uso público ou privado que fortalecem e auxiliam nas relações sociais por meio da prática de trilhas, caminhadas, atividades culturais e contato com a natureza. São, igualmente, importantes tanto para a comunidade local como para os turistas, promovendo a oportunidade de interatividade social, esportiva, recreativa e cultural, tornando-se mais um atrativo aos turistas que visitam a cidade.

Perante a preocupação de tornar as grandes metrópoles brasileiras mais sustentáveis no âmbito ecológico, os PU devem adaptar-se a essas transformações, por meio de técnicas e materiais utilizados, garantindo a preservação da fauna e flora, assim como do patrimônio interno. Planejar um PU como o BRA não é copiar um modelo de uma cidade ou de outro país, é, antes de tudo, entender as suas relações com o entorno e com os seus visitantes.

A chegada da pandemia de Covid-19 no Brasil afetou diretamente as atividades turísticas, inclusive as dos PU, posto que, de início, o funcionamento foi proibido. O retorno ocorreu recentemente, porém, com diversas restrições sanitárias ligadas ao controle de pessoas nos ambientes, limitando-se a quantidade de entrada, com vários locais permanecendo isolados de forma a evitar aglomerações e respeitar os protocolos de segurança.

As restrições no número de visitantes em PU afetou negativamente a atividade turística. Na percepção dos visitantes do BRA, quanto ao turismo pós-isolamento da Covid-19, não houve dinâmicas diferenciadas para seus visitantes nesse período. Portanto, as atividades propostas foram as mesmas desde antes da pandemia, somente com o acréscimo dos avisos sobre a importância do uso de máscaras e do distanciamento no acesso às imediações do Bosque.

Em relação à pesquisa realizada para este trabalho, os dados levantados nas entrevistas com os visitantes mostraram que os frequentadores do BRA apresentam uma percepção negativa das dependências do local, principalmente no que tange à sinalização, à acessibilidade e à infraestrutura. No entanto, esses visitantes demonstraram ter esperança na resolução destes problemas futuramente. Além disso, destacaram pontos positivos, como por exemplo a segurança interna e os condutores das trilhas.

Atualmente o BRA ainda se encontra fechado, desde o dia 25 de outubro de 2021, devido às obras de restauração emergencial. A prioridade é a revitalização de parte da fachada, a reestruturação do muro e das grades, a calçada e a iluminação externa. Outros espaços também serão reformados, como o restaurante, que se tornará uma praça de alimentação, e o Lago da Iara, *hábitat* dos peixes e onde são realizados os passeios de barco com os visitantes.

Além dos reparos na estrutura, a SEMMA também fará, nesse período, a avaliação de árvores em situação de risco, já que no dia 17 de outubro de 2021, uma delas caiu durante uma forte chuva na região metropolitana. A Prefeitura de Belém explicou que essa reforma é a primeira

etapa do projeto de revitalização do BRA. A segunda etapa deve ocorrer em 2022, ainda sem data para iniciar.

Conclui-se que a percepção da análise dos visitantes no BRA sobre as questões de degradação, principalmente sobre a sinalização, o acesso, acessibilidade e a infraestrutura, influenciam e interferem de forma negativa no processo do lazer, do uso público e turístico no Bosque, uma vez que constatou-se, no decorrer da pesquisa e com base nos relatos das entrevistas, as deficiências do local nos itens acima citados. Assim, os próprios visitantes acreditam que uma reforma no BRA melhore o espaço de lazer. Não é o ideal, pois necessita-se muito mais do que uma reforma.

O poder público precisaria ocupar as áreas desprotegidas e viabilizar os parques e praças já existentes em Belém, dotando-os de melhor infraestrutura, segurança, acessibilidade e serviços turísticos que os aproximem da comunidade local e de visitantes, no sentido de proteger e preservar para melhorar a qualidade de vida das cidades. O desenvolvimento de pesquisas na área ambiental pode ajudar a compreender as dimensões humanas de manejo de áreas verdes na cidade de Belém.

Por se tratar de um espaço amplo que requer grandes investimentos, o BRA necessita de políticas públicas voltadas para a manutenção de seus espaços e investimentos em novos, que possibilitem o lazer e as atividades culturais. Requer, também, uma atenção maior direcionada ao seu planejamento e gestão, de forma a repensar o espaço como sendo um local inclusivo, com mais acessibilidade em meio a tantas incertezas. Para que se estabeleça uma profunda interação entre a cidade e a natureza, tais propostas não devem se limitar somente ao PU e ao BRA. É preciso ampliar as áreas verdes livres de Belém, promovendo, desta maneira, o bem-estar e a saúde da população, além de, conseqüentemente, melhorar o turismo regional.

Autoria do trabalho

Conceitualização, (GVS e QFR,); metodologia, (GVS, QFR e FLSM); aquisição de dados, (GVS e QFR); análises e interpretação, (GVS, QFR e FLSM); redação, revisão e edição, (GVS, QFR, FLSM, PMP e RIRC). Todos os autores leram e concordam com a versão publicada desse manuscrito.

V. BIBLIOGRAFIA

Bahia, Mirleide Chaar (2012). O lazer e as relações socioambientais em Belém – Pará (Tese de doutorado). Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém.

Carasek, Mirian; Melo, Evanisa Fátima Reginato Quevedo e Melo, Ricardo Henryque Reginato Quevedo (2017). Parques urbanos na promoção da qualidade de vida: estudo de caso em Passo Fundo, RS. GC – Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades, 5(35), 55-67.

Cardoso, Silvia Laura Costa (2017a). Lazer e turismo em jardins botânicos urbanos: Bosque Rodrigues Alves, Belém/Pará/Amazônia – Conhecer para preservar. Revista Terceira Margem Amazônia, 2(7), 261-271.

Cardoso, Silvia Laura Costa (2017b). Tomada de decisão em jardim botânico: Bosque Rodrigues Alves – Jardim Zoobotânico da Amazônia (BRAJZBA). AOS, 6(2), 123-131.

Cardoso, Diogo; Cura, Sara; Viana, William; Queiroz, Luiz e Costa, Maria. (2017). Espacialidades e ressonâncias do patrimônio cultural: Reflexões sobre identidade e pertencimento. GOT, 11, 83-97. <http://dx.doi.org/10.17127/got/2017.11.004>

Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). (2021). Setor de serviços ainda acumula perdas com a pandemia. https://portal-bucket.azureedge.net/wp-content/2021/06/Analise-PMS_abril_2021.pdf

Dias, Fabiano (2005). O desafio do espaço público nas cidades do século XXI. *Arquitextos*, 61(05). <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.061/453>

Figueiredo, Silvio Lima; Bahia, Mirleide Chaar; Cabral, Patrícia Thatyane Miranda; Nóbrega, Wilker Ricardo de Mendonça e Tavares, Auda Edileusa Piani (mar. 2013). Lazer, esporte e turismo: Importância e uso das áreas verdes urbanas em Belém/Brasil. *Licere*, 16(1).

Friedrich, Daniela (2007). O Parque linear como instrumento de planejamento e gestão das áreas de fundo de vale urbana (Dissertação de Mestrado em Planejamento urbano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Kliass, Rosa Grena (1993). Parques urbanos de São Paulo. São Paulo: Pini.

Lei nº. 624, de 22 de setembro de 1870.

Lei nº. 5.197, de 3 de janeiro de 1967. Dispõe sobre a proteção à fauna e dá outras providências. Recuperado de: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15197.htm

Lei nº. 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm

Lei nº. 11.771, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111771.htm

Macedo, Silvio Soares e Sakata, Francine Gramacho (2003). Parques urbanos no Brasil. São Paulo: EDUSP.

Marques, Luiz (2020). A pandemia incide no ano mais importante da história da humanidade. Serão as próximas zoonoses gestadas no Brasil? <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/05/05/pandemia-incide-no-ano-mais-importante-da-historia-da-humanidade-serao-proximas>. Acessado em 13 ago. 2021.

Martins Júnior, Osmar Pires (2007). Uma cidade ecologicamente correta. Goiânia: AB.

Martins, Raphael Tavares Pacheco e Araújo, Ronaldo de Sousa (2014). Benefícios dos parques urbanos. *Humanas Sociais & Aplicadas*, 4(10), 38-44.

Melo, Mariana Inocência Oliveira (2013). Parques urbanos, a natureza na cidade: práticas de lazer e turismo cidadão (Dissertação de Mestrado Profissional em Turismo). Universidade de Brasília, Brasília.

Miranda, Evaristo Eduardo de (2009). Jardins botânicos do Brasil. São Paulo: Metalivros.

Oliveira, Fabiano Lemes de (2010). O nascimento da ideia de parque urbano e do urbanismo modernos em São Paulo. *Arquitextos*, 120(3). <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.120/3433>. Acessado em 13 set. 2021.

Sanjad, Nelson (2001). *Nos jardins de São José: Uma história do Jardim Botânico do Grão Pará, 1796-1873* (Dissertação de Mestrado em Geociências). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Segawa, Hugo (1996). *Ao amor do público: Jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP.

SEMMA, Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Belém. (2018). *Bosque Rodrigues Alves: Sobre o Bosque*. <https://semma.belem.pa.gov.br/bosque/institucional/bosque-rodrigues-alves/>. Acessado em 27 dez. 2021.

SEMMA, Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Belém. (2011). *Solicitação de registro e enquadramento de jardins botânicos brasileiros: Relatório Técnico do Bosque Rodrigues Alves – Jardim Botânico da Amazônia (BRAJBA)*.

Szeremeta, Bani e Zannin, Paulo Henrique Trombetta (2013). *A importância dos parques urbanos e áreas verdes na promoção da qualidade de vida em cidades*. *Ra'e Ga: O Espaço Geográfico em Análise*, 29, 177-193, 2013. <https://bit.ly/2mXYbJa>. Acessado em 04 dez. 2020.

Scocuglia, Jovanka Barancutty Cavalcanti (2009). *O Parc de La Tête d'Or: patrimônio, referência espacial e lugar de sociabilidade*. *Arquitextos*, 113(3). <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10,113/20>. Acessado em 23 set. 2021.

World Tourism Organization (UNWTO) (2020). *Growth in international tourist arrivals continues to outpace the economy*. *World Tourism Barometer*, 18(1).

World Health Organization (WHO) (2020). *A Joint Statement on Tourism and COVID-19: UNWTO and WHO Call for Responsibility and Coordination*. <https://www.who.int/news/item/27-02-2020-a-joint-statement-on-tourism-and-covid-19---unwto-and-who-call-for-responsibility-and-coordination>.

World Travel & Tourism Council (WTTC) (2019). *Travel & Tourism: Economic Impact 2019*. <https://www.slovenia.info/uploads/dokumenti/raziskave/raziskave/world2019.pdf>.